

10

Artigo recebido em: 12/09/2016

Artigo aprovado em: 21/09/2016

DOI 10.5380/2238-0701.2016n12p245-258

Palavras. Imagens.





Palavras e imagens¹

Paroles et images

Words and images

MARTINE VIDAL²

JACQUES WALLET³

Introdução

As questões colocadas pelas formas contemporâneas de ambientes de aprendizagem são em parte novas, por assentarem nas “novas tecnologias”, mas em parte antigas, por veicularem o fim (ou o mito) de uma nova pedagogia, cujos fundamentos radicam em Platão, Rousseau, Freinet e tantos outros.

Porém, as questões colocadas pelas formas contemporâneas de ambientes de aprendizagem não são apenas pedagógicas, inscrevem-se nas práticas sociais e socioculturais dos formadores e dos formados, nos sistemas escolares, na evolução das tecnologias e da economia do digital...

A investigação acadêmica em tecnologia educativa deve, assim, ter em conta uma dimensão *conceto-temporal*⁴ particularmente complexa.

Optamos por vos apresentar quatro imagens, todas elas centradas no aprendente; em certa medida, estas imagens refletem-se mutua-

1 Tradução de Lia Raquel Oliveira

2 Centre National d'Enseignement à Distance – CNED, França, martine.vidal@cned.fr

3 Universidade de Rouen, França, jacques.wallet@orange.fr

4 Atravemo-nos a usar este neologismo.

mente. Não é necessária uma leitura dirigida, mas decidimos reforçar a descoberta da mesma e a sua perspectiva teórica com uma dezena de citações da autoria de Geneviève Jacquinot que constituem, de fato, um pequeno léxico. Estas citações são curtas, demasiado curtas, na maior parte das vezes, mas convidam-nos à descoberta de textos, voluntariamente escolhidos entre os menos contemporâneos, cuja maior parte é indiscutivelmente atual⁵.

Geneviève Jacquinot, nos seus trabalhos sobre a imagem em pedagogia, sobre a formação a distância na sua forma canônica, sobre os primórdios do digital educativo e a pré-história da Internet, sobre, finalmente, os dispositivos contemporâneos, contribuiu, mais que ninguém, para a necessidade de a investigação não enveredar pela escatologia lenitiva, mas de inscrever os nossos discursos na complexidade, na provação.

Assim seremos conscientes das limitações da nossa “encenação”...

Para resistir a esta tendência, a que não estão alheios a ideologia da representação fotográfica e, mais geralmente, o funcionamento dos *media*, foi necessário (e ainda o é) trabalhar “contra o efeito de real”, contra a ilusão da transparência, e aprender a ver, em qualquer imagem, um discurso sobre o mundo, uma organização de formas em que leio o mundo, tanto quanto leio o mundo em mim. (JACQUINOT, 1998)



LES COURS PAR TÉLÉPHONOSCOPE.

Imagem 1 – Albert Robida, “Les cours par téléphonoscope”.
La vie électrique le vingtième siècle, 1892.

5 A título de exemplo, a obra “Image et pédagogie” lançada em 1977 foi reeditada em 2012 pelas *Éditions des archives contemporaines*.



Image 2 – *Publicité pour le e-learning*, Microsoft, 2014

Autoformação / O formador entre “presença” e “ausência”

Na prática, fala-se de autoformação, sempre que o dispositivo de formação deixa de assentar no docente sozinho, como se o seu “desaparecimento” parcial ou total desencadeasse, automaticamente, a autonomia dos aprendentes: que desapareça o docente e surja a autonomia, como se fez luz no *Gênesis*, e se transforme a formação em autoformação... Ora nada disso é verdade, pois se as “sempre mais recentes tecnologias” introduzidas deslocam e modificam o papel do formador, elas fazem-no de formas diversas...

Competências (do aprendente)

Hoje em dia, encontro, com as NTIC, problemáticas vislumbreadas na época de *Image et pédagogie* quando eu tentara mostrar que, à força de se introduzir demasiado “no lugar do outro, dê ouvidos ao aprendente” (JACQUINOT, 1977), a quando da conceção dos programas ou dos filmes educativos, “não se lhe dava nem o espaço nem a liberdade de aprender”, porque uma mensagem ou um dispositivo, particularmente quando se quer educativo ou didático, deveria sempre apresentar-se como uma “ferramenta programática de significação, que só adquire sentido na instrumentalização efetuada pela criança, pelo aluno ou pelo formando” – em suma, pelo nosso aprendente-construtor – e ser “uma ocasião para ele reatar com as formas de ‘falar consigo mesmo’ e de desempenhar um papel ‘participativo de investigação motivada.

Dispositivo

Ultrapassando a dimensão coerciva que lhe atribuiu Foucault, a mediação dispositiva, através dos ambientes ordenados, mais ou menos benevolentes, isto é, mais ou menos “tolerantes face ao erro”, permite o regresso dos atores, com as suas representações, as suas atitudes, e até mesmo a sua mitologia, ao lugar onde, demasiadas vezes, se tendeu a falar apenas de “sistema” técnico e/ou de “estrutura” organizacional. Para lá das dicotomias tradicionais, este conceito emergente permite apreender, em toda a sua complexidade, as relações entre a técnica e o simbólico, entre o sujeito e o objeto, entre liberdade e determinismo, através das lógicas das utilizações. No domínio da pedagogia e da mediação dos saberes, fazer uma análise em termos de dispositivo permite tomar em consideração os indivíduos tidos por atores interagindo entre eles e com os elementos do sistema em si, para articulá-los de forma coerente, visando ajudar o aprendente a ajudar-se a si mesmo...

Distância(s)

Parece-nos urgente dar uma volta de 180 graus em relação à distância que é preciso domar, deixar de considerar a FAD como um remédio para um mal, “a ausência”, mas antes como uma “reorientação sintomática” do pensamento contemporâneo. A questão-chave para a conceção de programas educativos que tornam possível esta verdadeira interatividade, único garante de um processo de aprendizagem, é, pois, a seguinte ... O que é que pretendo que o utilizador pretenda fazer mentalmente (apoio à interatividade intransitiva) e/ou realmente (apoio à intransitividade transitiva).

Inovação

Poderemos arriscar dizer que não é apenas um direito à educação para todos que é necessário defender doravante, mas um direito a uma *nova educação* para todos? Como é possível não se fazerem formações a distância nos guetos, por mais dourados que eles sejam? Como será possível inervar o conjunto dos sistemas educativos e, principalmente, como será possível contribuir para repensar os modos de funcionamento das universidades do século XXI? Sublinha-

mos, várias vezes, a tendência, em todo o mundo, para o desenvolvimento do ensino híbrido ou bimodal: alguns reacearam que com isto se esquecesse da formação a distância como modo específico.

Não correremos o risco de nada mudar de fundamental no sistema vigente... e de apenas “enriquecer” o ensino cara a cara como se lê tantas vezes? O investigador tem uma responsabilidade a exercer e os seus trabalhos são avaliados também na medida da sua utilidade social. Pareceu útil a alguns colocar-se a questão de saber quem deve empenhar-se nas investigações a distância para garantir o seu rigor e a sua honestidade, mas também que tipos de investigação permitem ao mesmo tempo aumentar os nossos conhecimentos e contribuir para o melhoramento dos dispositivos: investigação-ação, investigação-ação-formação, investigação sobre e para a inovação, investigação em inovação?”

Interação

Se a interatividade é um conceito de origem técnica, relativamente novo, o conceito de interação, em contrapartida, é antigo e não técnico. Em psicologia social, a interação designa um fenómeno essencial da psicologia de grupo, a positividade dos intercâmbios (*interact*, *interactiveness* em inglês), a influência estimulante da ideia que um tem sobre os outros e inversamente. Em psicolinguística, nomeadamente na análise conversacional, estudam-se as interações nos intercâmbios entre duas ou mais pessoas.

Em psicopedagogia, a interação toma em consideração as dimensões do indivíduo e do grupo como motor, produtor de um sentido e não apenas como emissor ou recetor de uma resposta.

No fenómeno da interação, há, portanto, interdependência entre os parceiros, relação de poder igualitário ou não, simétrico ou dissimétrico, entre emissor e recetor, e transformação final de uma situação, ou seja, um processo de ação recíproca. Assim, a interação não precisa da utilização de máquinas interativas e, inversamente, as máquinas interativas não desencadeiam automaticamente interações.

Presença/ausência

Quando nos referimos a estes dispositivos tecnológicos e à “distância” que eles introduzem e que nos inquieta, comparamos muitas

vezes, implicitamente, uma situação ideal em que, cara a cara, existe uma real intercomunicação, com uma situação oposta, por via de uma tecnologia, que se revela desastrosa... deveremos, certamente, deixar de pensar na dicotomia “presença/ausência” e tentar pensar, trabalhar as modificações que podem provocar, nos nossos fenómenos percetivos, a intrusão destas tecnologias que nos obrigam ou que nos permitem imaginar uma presença, o “benefício de uma presença”.



Imagem 3

Fonte: <http://www.bouyguetelecom-pro.fr/lemag/web/mooc-des-cours-en-lignes-qui-voient-grand>

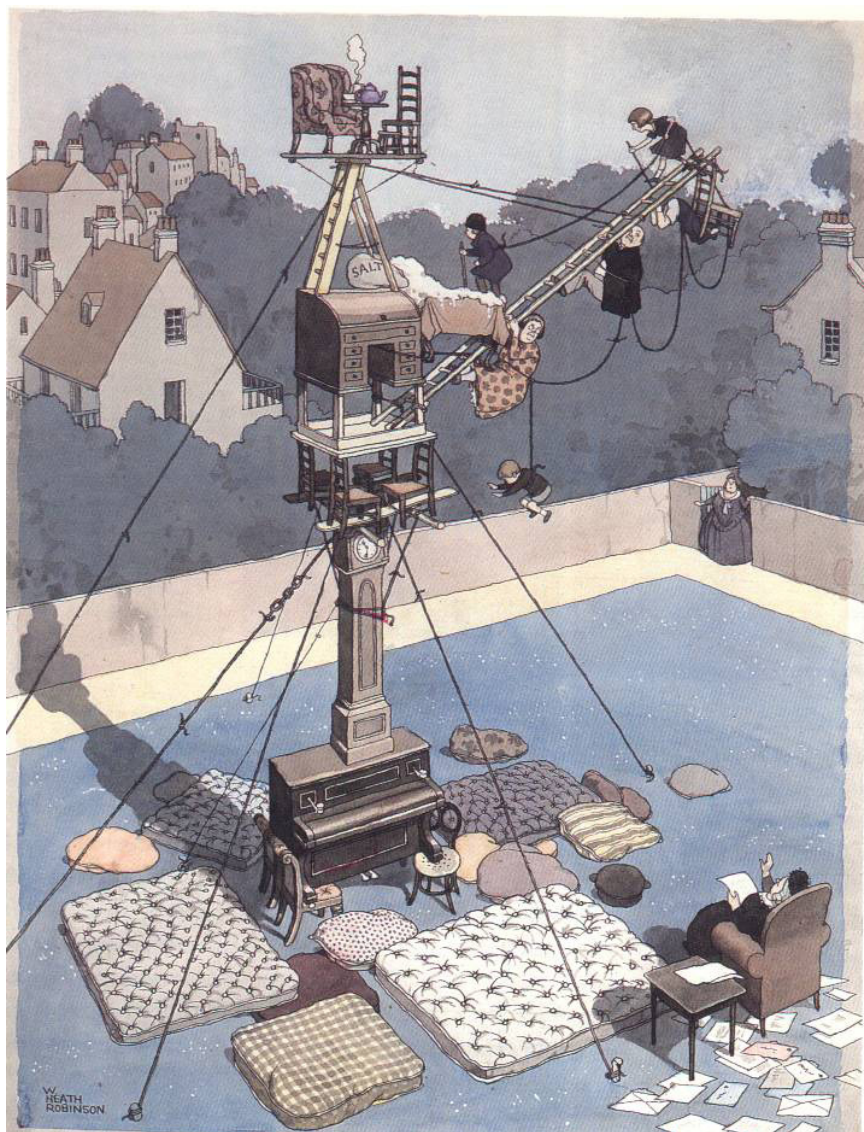


Imagem 4 : Curso de alpinismo por correspondência: trabalhos práticos em casa. “Carrying out the correspondence course for mountain climbing in the home”, (1928), William Heath Robinson (1872-1944). *Cours d’escalade en montagne par correspondance: les travaux pratiques chez soi*. Fonte: Reprinted by permission of Pollinger Limited (www.pollingerltd.com) on behalf of the Estate of J. C. Robinson

Provocação

A formação a distância é uma modalidade de formação que permite vencer a distância física que separa, qualquer que seja a razão, os que querem aprender e os que podem ensinar. É este o seu objetivo essencial: mas para além disso, tem efeitos que nem sempre são valorizados, controlados, ou até mesmo desejados. Pois colocar a distância no centro do processo ensino/aprendizagem significa desencadear um certo número de transformações que são outras tantas “provocações” em relação à modalidade clássica do ensino cara a cara e do sistema em que se insere. [...] A maior provocação da distância quando está no centro do processo ensino/aprendizagem é *mesmo que ela torna o presencial essencial*.

Ciências da comunicação vs. ciências da educação

Como estudar, por exemplo, os processos de aprendizagem *via* um multimédia educativo sem um semiólogo, para quem a interpretação é determinada pelo jogo dos signos, sem um especialista em didática, que almeja na aprendizagem a modificação das representações prévias e sem um ergonomista, encarregado de reduzir os esforços do aprendente? Ou, ainda, como estudar um dispositivo mediatizado de formação à distância, sem articular a abordagem organizacional da empresa ou da instituição, as condicionantes socioeconómicas dos *media* implicados, e as dimensões psicossociológicas das apostas e das modalidades da referida formação?

Tutoria

As “últimas” novas tecnologias de informação e de comunicação, como prefiro chamar-lhes agora, – ainda que seja apenas para evitar a confusão entre “pensamento técnico” e “pensamento das formas de representação” – podem reivindicar certos aspetos e certas funções específicas da tutoria em sistemas complexos como os dispositivos de formação aberta e a distância para favorecer a dinâmica do processo de formação, mas tendo em conta várias condições: demonstraremos:

1. que a tutoria existe independentemente da formação a distância;

2. que a tutoria em formação a distância tem características específicas;
3. que entre os sucessivos novos recursos tecnológicos (meios de comunicação) alguns podem desempenhar um papel decisivo na tutoria da formação a distância “para suprimir a distância” ou, mais exatamente, “pôr a circular os signos da presença”, cumprindo-se duas condições essenciais:
4. que sejam progressivamente implementados processos de mediação e de interação diferentes dos do modelo canônico da relação professor-aluno, para que a presença e a ausência sejam vivenciadas de forma diferente,
5. e, conseqüentemente, que possa ser assumido, quer por parte do aprendente, quer por parte do docente, o que não devemos reear de designar por “o luto do professor”.

Para sabermos mais acerca das imagens...

A imagem 1 já foi publicada numa revista científica no artigo: “EIAH: *Environnements Imaginaires pour l’Apprentissage Humain*” Jacques Wallet, Volume 13, 2006. Esta imagem deve-se a Albert Robida que, no romance ilustrado por ele mesmo, *Le vingtième siècle* (1882), imagina uma máquina que integra a imagem e o som (estamos, nessa época, nos primórdios do telefone que permitirá o advento do teatro, da ópera, da imprensa, do saber através de uma “visiofonia” ao domicílio. Tornada assim heroína do romance, prossegue os seus estudos desde os doze anos... sem deixar a sua família, unicamente através da televisão “Ela acompanha também as aulas da escola central de eletricidade de Paris e aproveita, além disso, as repetições por fonograma com alguns mestres ilustres.

As imagens 2 e 3 resultam de simples investigações online a partir de pesquisas como “humor e mooc”, por exemplo. A imagem 4 é um desenho de William Heath Robinson (1872-1944)⁶, que constava da capa do dossiê entregue aos membros da primeira comissão editorial de Distances et savoirs, de que fazia parte Geneviève Jacquinot, reunidos pela primeira vez no dia 27 de março de 2002. W.H. Robinson era um desenhador humorístico e um ilustrador, conhecido, nomeadamente, pelos seus desenhos de máquinas com uma complexi-

6 http://en.wikipedia.org/wiki/W_Heath_Robinson

dade extravagante face à simplicidade dos objetivos visados. Durante a primeira guerra mundial e, depois, por causa das restrições da segunda, a expressão “Heath Robinson contraption” (“uma geringonça à Heath Robinson”) passou a estar associada a qualquer bricolage engenhosa realizada com os meios que temos à mão.

Post-scriptum... uma busca perpétua acerca do sentido do mundo

Para terminar, retomarei com agrado esta definição da educação para os *media* que Ferguson⁷ apresentou em 1991: “Media education is an endless enquiry into the way we make sense of the world and the way others make sense of the world for us”. Tem a vantagem de conciliar as duas grandes concepções que atravessaram, e atravessam ainda hoje, as práticas e os discursos sobre a educação para os *media*, uma mais pedagógica e da ordem da linguagem, a outra mais política e da ordem da cidadania, e de se abrir às novas exigências da escola do século XXI. Pois é desta forma que se constrói a verdadeira democracia, na sua dimensão cognitiva, mas também política, e não, como é dito e repetido demasiadas vezes, colocando as tecnologias nas mãos dos alunos.

O que, passando por “A obra aberta” de Umberto Eco, nos leva a propor uma leitura pessoal e semiológica de uma quinta imagem, igualmente da autoria de William Heath Robinson, intitulada “The psychic dance”, e com o subtítulo “The annual dance given to spirit medium by the psychological society. Dancing with spiritual partners to spiritual music played on spiritual instruments” (Dança dos *media*. Dança anual dada em honra dos *media* pela sociedade de psicologia, com parceiros imateriais e música tocada com instrumentos imateriais).

Não se tratará, antes, no quadro de um dispositivo híbrido, de uma reunião de trabalho síncrona no seio de uma rede social de profissionais de psicologia (especialistas e docentes, ninguém duvida disso)? Alguns participantes estão presentes, outros à distância, mas claramente empenhados em pôr a circular os signos da sua presença.

7 Ferguson, Robert: “What is Media Education for?” In: Prinsloo/Criticos (eds.): Media Matters in South Africa. Media Resource Centre. Durban 1991, pp.19-24.

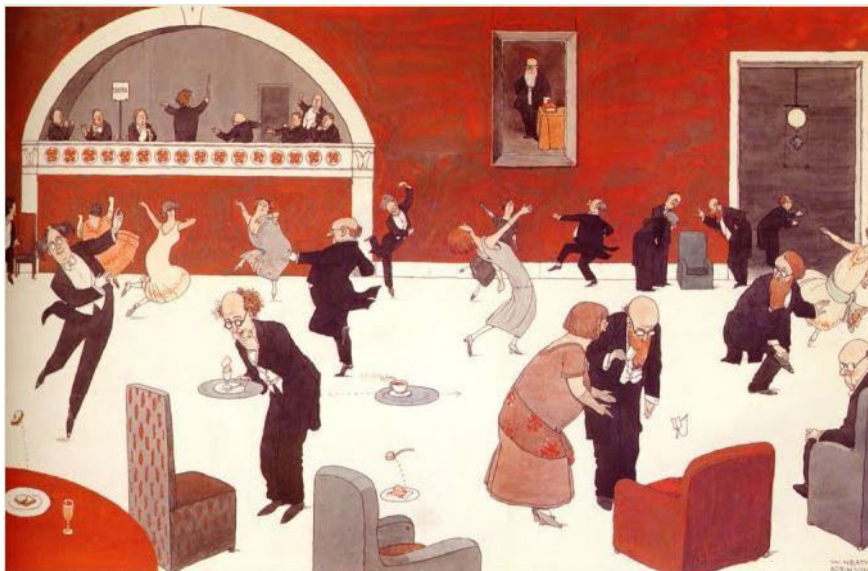


Imagem 5 – “The psychic dance: The annual dance given to spirit medium by the psychological society. Dancing with spiritual partners to spiritual music played on spiritual instruments”, William Heath Robinson. (Fonte: Reprinted by permission of Pollinger Limited (www.pollingerltd.com) on behalf of the Estate of J.C. Robinson)

REFERÊNCIAS

Apprivoiser la distance et supprimer l'absence ? Ou les défis de la FAD, Revue Française de Pédagogie, vol 102, 1993.http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/rfp_0556-7807_1993_num_102_1_1305

Les NTIC : _Ecrans du savoir ou _Ecrans au savoir ? In Outils multimédia et stratégies d'apprentissage du Français Langue étrangère, 1996.<https://edutice.archives-ouvertes.fr/file/index/docid/1603/filename/jacquino.pdf>
<http://www.cairn.info/publications-de-Jacquinet-Delaunay-Genevi%C3%A8ve--14815.htm>

F, Beau; P, Dubois; G, Leblanc. **Du cinéma éducateur aux plaisirs interactifs, rives et dérives cognitives Cinéma et dernières technologies**. Paris, INA/De Boeck, coll Arts et cinéma, 1998. [Disponível em] pp153-168. <https://edutice.archives-ouvertes.fr/file/index/docid/1606/filename/index.html>

V, GLIKMAN. **Qui sont ces usagers qu'on cible dans nos têtes ? in: Médias et formations ouvertes : recherches sur le point de vue de l'utilisateur**. Paris, INRP, 1997.

Comment être à la hauteur de nos drôle de machines. In: 2èmes Rencontres Internationales du Multimédia et de la Formation, Actes du Cafoc de Bordeaux, novembre, 1999. [Disponível em:] <https://edutice.archives-ouvertes.fr/file/index/docid/1604/filename/index.html>

Le tutorat : pièce maîtresse et pourtant parent pauvre des systèmes et dispositifs de formation à distance. Biennale de l'Education et de la Formation, Biennale 5, 12-14 avril 2000, Paris. [Disponível em] <http://www.inrp.fr/biennale/5biennale/Contrib/194.htm>

Premier colloque franco-mexicain – Mexico du 8 au 10 avril 2002. <https://hal.archives-ouvertes.fr/file/index/docid/1585/filename/sed.pdf>

Sic et Sed sont dans un bateau... Hermès, La Revue 1/ 2004 (n° 38), [Disponível em:] www.cairn.info/revue-hermes-la-revue-2004-1-page-198.htm.

Le sentiment de présence, conférence à Poitiers Réseaux humains. Réseaux technologiques, 2006. [Disponível em] <http://rhrt.edel.univ-poitiers.fr/document.php?id=773>

Echos d'EDEN. In: Distances et savoirs 3/ 2008 (Vol. 6), p. 471-473. [Disponível em:] www.cairn.info/revue-distances-et-savoirs-2008-3-page-471.htm

Entre présence et absence. La FAD comme principe de provocation. In: Distances et savoirs vol. 8, Formation à distance, Principe de provocation et innovations, 2010.

De l'éducation aux médias aux médiacultures : faire évoluer théories et pratiques. In : E-dossier de l'audiovisuel : qu'enseigne l'image ? Qu'enseigner par l'image ? Acessado janeiro 2011 [Disponível em] <http://www.ina-expert.com/e-dossier-de-l-audiovisuel-qu-enseigne-l-image-qu-enseigner-par-l-image/de-l-education-aux-medias-aux-mediacultures-faire-evoluer-theories-et-pratiques.html>

Image et pédagogie : analyse sémiologique du film à intention didactique. Paris, PUF, 1977, 200 pages. Nouvelle édition, Paris, Éd. des Archives contemporaines, 2012.